

A woman with glasses and a patterned top stands in a shallow river, surrounded by dense tropical forest with hanging vines. The scene is brightly lit, with sunlight filtering through the trees.

**COMUNIDADE BREJO
DAS MENINAS: LUTA
E RESISTÊNCIA PELA
POSSE DA TERRA NO
CERRADO PIAUIENSE**

12



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

**SANTA FILOMENA E
BAIXA GRANDE
DO RIBEIRO - PI**



PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Fascículo N° 12 Abril 2019

Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense

COORDENAÇÃO GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida - CESTU/UEA
Rosa Elizabeth AcevedoMarim - NAEA – UFPA

COORDENAÇÃO DO PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL NO BRASIL CENTRAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida - CESTU/UEA
Carmen Lúcia Silva Lima
Franklin Plessman de Carvalho
Helciane de Fátima Abreu Araújo
Jurandir Santos de Novaes

EQUIPE DE PESQUISA

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

PESQUISADORES VOLUNTÁRIOS

Altamiran Ribeiro Lopes
Paulo Henrique Sousa Santos

EDIÇÃO:

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

CARTOGRAFIA

Jessica Maria Barros da Silva

FOTO

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

EQUIPE DE PRODUÇÃO DAS LEGENDAS

Carlos Daniel V. dos Santos
Jaime Lima Honório
José Neto; Lúcia Flávia

EQUIPE DE COLETA DOS PONTOS DE GPS

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

PROJETO GRÁFICO

Marcela Costa de Souza



Participantes da oficina de mapas, realizada na Comunidade de Brejo das Meninas

João Henrique Pereira M. Filho; Juarez Celestino de Souza; Adaildo José Alves; José Cicero Cordeiro da Silva; Paulo Henrique S. dos Santos; Cirene de Souza Carvalho; João Batista da Silva; Filomeno de Souza Miranda; José de Alencar Carvalho; Almerinda Maria de Carvalho; Jovencino Pereira da Silva; Miracir Pereira; José Arnaudo Honório Ribeiro; Salvador Antônio Lopes; José Gracila dos Santos Lopes; Josué Rodrigues de Alencar; Antônio José Xavier; Carmina Pereira de Castro; Adalbleks Vieira Lopes; Salomeia Maria Lopes de Carvalho; Antonina Pereira Lopes; Iranete Pereira Cavalcante; Otavia Maria Lopes da Silva; Maria dos Reis Alves; Gilcilândia Rodrigues de Souza; Raimunda Rodrigues de Souza; Maria da Paz Rodrigues de Souza; Maria da Conceição C. de Souza; Oziene Vieira de Carvalho; Aciomara Alves Pessoa; Nonata Alves Pessoa; Sebastião Lopes da Silva; Antônio Carvalho Vieira; Cristiano Antônio Lopes; Presilino Pereira da Silva; Rosineide Rodrigues Campos; Claudiene Nunes Cavalcante; Jaime Lima Honório; Valtan Dias Lopes; Marksan Pereira Cavalcante; Geraldo João Pessoa; Biatan; Sabina Nazaré Campos; Carlos Daniel Vicente dos Santos; Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento, Carmen Lúcia Silva Lima; Marcia Leira de Castro Pereira; Altamiran Ribeiro; Gervásio, Gisele, Leornado, Larisa, José Neto, Lucia Flavia, Joel, Leonice, Josivaldo.

FICHA CATALOGRÁFICA

C728 Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil Central – N. 12 (abr. 2019) / Coordenação da pesquisa: Carmen Lúcia Silva Lima.–. – Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI). ISBN:978-85-7883-511-8

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Lima, Carmen Lúcia Silva.

CDU: 528.9:39

(Elaborada por: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense

Comunidade Brejo das Meninas: uma história de luta e resistência

A comunidade de Brejo das Meninas está geograficamente localizada no Município de Santa Filomena na região sul do estado do Piauí. É uma comunidade que se auto reconhece como ribeirinha, vivendo há mais de um século às margens do rio Riozinho. Segundo os próprios ribeirinhos, é das águas do Riozinho e das terras as suas margens, que eles tiram o sustento para suas famílias, por isso, cuidam do rio e de suas matas, pois é ele que lhes dá a vida. As terras da comunidade ajudam a manter o rio vivo com suas grotas e pequenos brejos.

Segundo relatos dos próprios moradores da região, não há uma data precisa de quando a comunidade foi fundada, mas acredita-se que tenha sido na década de 1870, quando da chegada do senhor Ismael: - Primeiro morador a se estabelecer na região. Depois de Ismael, vieram outros moradores, no entanto, atualmente a maioria dos habitantes da comunidade de Brejo das Meninas descende do senhor Ismael, como relata dona Marciana uma das netas de Ismael, “primeiro veio meu avô, depois veio meu pai Teodoro que veio do Uruçuí e se casou com a filha de Ismael meu avô, então eles começaram a trabalhar e foram aumentando a família”.

O relato de dona Marciana é corroborado por outro neto de Ismael. Salvador Antônio Lopes, que diz ter nascido em 1947, afirma que seu avô, Ismael foi o primeiro a chegar na região e se estabelecer, pois como era criador de gado, “viu que dava pra morar por aqui, pois tinha água (...) ele era do Uruçuí Preto e aqui não morava ninguém quando ele veio”.

Ainda segundo o relato de dona Marciana, outro morador que também chegou a região nesse mesmo período, foi o senhor Pedro Pereira de Oliveira, que é o avô de Presilino. Segundo ela, “primeiro chegou meu avô Ismael depois chegou esse Pedro que é avô de Presilino”.

Apesar de viverem na região desde o final do século XIX, quando se iniciou o processo de ocupação do cerrado com suas roças e criação de animais, mas principalmente criação de gado, os moradores não tinham qualquer preocupação com a documentação da terra, pois acreditavam que o simples fato de morar e cultivar a terra, já os tornava donos. A preocupação com o registro da propriedade da terra só veio a tona na década de 1950, quando o senhor Teodoro, genro de Ismael, resolveu buscar o registro da propriedade. Segundo relatos de um bisneto de Teodoro:

“ Quando o meu bisavô registrou em 1950 botou o nome de pedrinhas, realmente era o nome da fazenda, mas como o Brejo das Meninas foi mais fácil de chamar. É histórico o Brejo das Meninas, mas na verdade não é Brejo das Meninas é Pedrinhas” (...) “Agora saibam senhoras e senhores, que o seu Ismael chegou em 1870 a família do seu Juvencino também chegou nesta época, em 1901 nasceu Teodoro Rodrigues Miranda que em 1957 pleiteou uma ação de uso capião nesta área da divisa do brejo do Piteu ao brejo das aboboras lá na divisa do avô do seu Jorge” (Gervásio, Oficina de produção de mapa).

“ Eu nasci aqui e me criei aqui, sou filho da Maria Lopes, meus avôs não eram daqui, quando meu avô veio pra cá não morava ninguém aqui (...) senhor Ismael, foi o primeiro a vim pra cá, viu que dava pra morar por aqui, pois tinha água (...) ele era do Uruçuí Preto e aqui não morava ninguém quando ele veio” (Salvador Antônio Lopes, morador de Brejo das Meninas)



Comunidade Brejo das Meninas

“ Sou filho do Antônio que é filho do Ismael, minha mãe era Maria Lopes, a gente pagava imposto de gado pra coletoria. Eles chegaram antes da chegada do Teodoro, que também morava lá no Uruçuí, meu avô já veio casado com Maria da Conceição e o Teodoro veio viúvo e aqui casou com Amélia. Amélia que é filha do seu Ismael, minha tia legítima, irmã do meu pai” (Salvador Antônio Lopes, morador de Brejo das Meninas).

“ Quando eu vim morar aqui, já moravam meu pai, meu avô, aí pai tinha comprado do governo, aí ficou os documentos dele no cartório de Teresina e de Brasília. (...), “primeiro chegou meu avô Ismael depois chegou esse Pedro que é avô de Presilino”

Em 1982 morreu meu marido e em 1983 morreu meu pai e em 1984 morreu mãe, um a cada ano. Então ficou aí parado, ninguém podia vender nada, eu tinha uns 30 gados e vendi pra pagar o imposto e o demarcador, que veio pra demarcar. Mas então ficou nesse rolo e nunca se acertou, aí ficou parado ninguém podia fazer nada. Coisas de herança é complicado” (Marciana Maria Lopes, moradora de Brejo das Meninas).

Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense

“ Olha ela (dona Marciana) nasceu em 1930, aqui dentro, eu não me recordo mais minha bisavó a Amélia Maria nasceu em 1901 a 1905, aqui dentro, criou todo esse povo aqui até os dias de hoje. Como eu disse no relato anterior, em 1957 foi a legalização da posse que eles tinham desde 1870” (Gervásio, Oficina de produção de mapa).

O SISTEMA DE PRODUÇÃO DA COMUNIDADE

“ Eu nasci aqui e o dono da terra que eu conheci aqui era o Teodoro, pai dessa senhora aqui (dona Marciana), eu nasci, criei, comecei a trabalhar, trabalhei ele nunca me abusou. Eu criava o gado, criava o porco, eu trabalhava diariamente ele nunca me abusou por parte nenhuma” (Romário, morador de Brejo das Meninas).



Criação de gado de moradores do Brejo das Meninas

“ Aqui a nossa renda é mais da agricultura. Eu, por exemplo, trabalho de roça. Crio os meus gadinhos ali na propriedade. Muitas vezes quando o negócio aperreia eu vendo um bezerro pra gente socorrer alguma coisa né” (Jovencino, Morador da Comunidade Chupé).

“ Eu sou trabalhador rural, meu nome é Manuel Alves Lopes, moro em Santa Fé. Tenho uma propriedade que é no nome da minha esposa, Joaquina Maria da Conceição. Eu vivo do meu trabalho, vendo a farinha, feijão, inclusive ontem o caminhão, levou quatro sacas para Santa Filomena. Tô com alguém lá fazendo, eu vivo às custas do meu trabalho, produzido de minha roça” (Manuel Alves, morador de Santa Fé).

“ Eu também vivo da roça. Tem ano que vendo farinha, outro ano vendo um prato de feijão. Aqui acolá falta, não dar para vender, a gente dar uma saída na serra pega um troquinho, para defender o que tem para não tirar da boca dos filhos. Mas nessa luta. É da roça sempre” (Geraldo, morador de Brejo das Meninas).

“ O que eu vou lhe dizer, eu estou com sessenta e três anos, eu nasci em me criei na roça, todo ano o inverno era bom, era mandioca, milho, arroz, (...) fava se estruía muito; aí depois que meus pais faltaram, aí ficou eu e os irmãos tudo, trabalhava com os filhos, depois que apareceu projeto em cima da serra, não tem água, lugar que dê mandioca, algum lugar que dar arroz” (Sabina, moradora de Brejo das Meninas).



Roça de feijão de Romário, morador de Brejo das Meninas



Criação de gado de Geraldo, morador de Brejo das Meninas



Roça de feijão e Milho de Romário, morador de Brejo das Meninas

Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DA COMUNIDADE

“ A grilagem de terras, no sul do Piauí hoje, eu acho que é recorde do Brasil. A grilagem de terra ameaça de pessoas que se opõe as grilagens de terras, temos vítimas aqui, eu também fui vítima de ameaças de morte; estão expulsando os moradores e suas famílias das terras, (...) houve casos em que o posseiro foi tirado de sua propriedade, amarrado, jogado na carroceria de uma camionete e foi tirado desta forma de sua propriedade” (Markisan, Sindicato dos Trabalhadores\as Rurais de Santa Filomena).

“ Outro problema gravíssimo na região são as pragas, os incêndios que atacaram as plantações eram poucos, agora de uns dez anos para cá surgiu pragas nas plantações, a mosca branca que não tinha, agora tem na região” (Antônio Alves de Carvalho, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores\as Rurais de Santa Filomena).



Plantios de soja

“ Eu sou lá do Chupé, sou filho de Valdemiro Antônio Lopes e Hermina, a gente aqui, eles chegaram derrubaram a cerca de trator, proibiu faz muitos anos... todo dia eles iam lá vigiar se tinha cerca... eles jogavam veneno na água, os olhos d'agua tá baixando. Lá eles derrubaram a cerca com trator e o olho d'agua tá envenenado... aí temos que abrir uma cacimba né, porque corre um perigo grande, é uma catinga de veneno” (Jose Luiz Lopes dos Santos, morador do Chupé).

“ Desmatando na beira do brejo (...), está descendo água da serra, descendo areia entupindo o brejo que é ali próximo da serra (...) Acabou com nosso brejo lá, (...) o prejuízo é que acabou com a água do brejo e a safra. A quantia que tinha queimado, o marido dela até achou um gato morto, um gato do mato morto(...) queimou os buritizais” (Presilino, morador do Chupé).

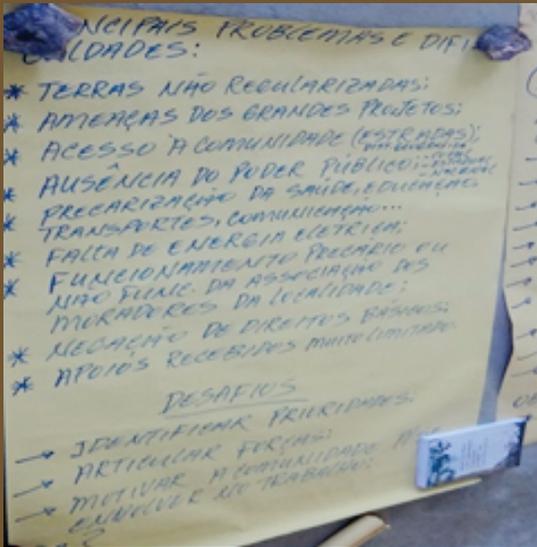


Queimada dos buritizais na comunidade Brejo das Meninas

“ Eu queria salientar também que devido essas queimadas essas derrubadas ilegais que teve ali, eu tomei as dores e fui lá na SEMAR e fiz uma denúncia, levei todas as fotos, inclusive filmagem do brejo queimado, ele simplesmente veio aqui e não tomou providências e eu vou fazer uma denúncia mais grave. Um amigo meu, ligou para mim de dentro do escritório pedindo um georreferenciamento feito na fazenda, ele negociou com a SEMAR para que o fazendeiro não fosse autuado pela queimada no córrego e a derrubada e eu pedir para a secretaria de Santa Filomena que tomasse providências e infelizmente não tive nenhuma resposta” (Gervásio, Oficina de produção de mapa).

Problemas e dificuldades da Comunidade:

- Terras não regularizadas;
- Ameaças dos grandes projetos;
- Falta de acesso à comunidade (estradas e distância geográfica);
- Ausência do poder público (municipal, estadual e federal);
- Precarização da saúde, educação, transporte e comunicação;
- Falta de energia elétrica;
- Funcionamento precário ou não funcionamento da associação de moradores da localidade;
- Negação dos direitos básicos;
- Apoio recebido é muito limitado.



Desafios:

- Identificar prioridades;
- Articular forças;
- Motivar a comunidade para se envolver no trabalho.

Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense



“ A minha ameaça foi o próprio João Augusto que passou com os pistoleiros levado por alguém que trabalha com eles para mostrar a casa da minha mãe. Ele me ameaçou duas vezes com intimidação diretamente, depois recebi telefonema do Rio Grande do Sul e de outros lugares me ameaçando” (Gervásio, Oficina de produção de mapa).

“ Vou me dirigir novamente ao buritizal que queimaram lá. Também tem o buritizal que é uma fonte de renda, faz parte da cultura, é algo natural que tá sendo destruído devido a essas ações. É realmente uma preocupação, inclusive até a níveis internacionais. Em relação a pragas, ela pica e a melancia derrete como se fosse um filme. São insetos que comprovadamente são provenientes de alguma coisa que está sendo usada ao redor, pois não tinha isso antes aqui” (Romário, morador de Brejo das Meninas).

“ Já passei de 50 anos que moro lá nessa localidade, meu pai nasceu, se criou e morreu nesse lugar. Eu ainda hoje estou lá, já tem um bando de anos. E estou nessa luta agora, toda vida esperando o documento. Só é corte de terra e o documento agora, nem vem, nem nunca aparece. E o que eu quero dizer é isso aí, eu sou um lutador, um lutador lavrador. E preciso de apoio, né! Preciso de o governo tomar providências para localizar o pessoal que tá necessitado” (Jonas José Xavier, morador de Brejo das Meninas).



Queimada do buritizal

“ Nós estamos aqui reclamando mesmo é dos baixões. Eu aqui, esse rapaz, esses aqui, nós moramos dentro dos baixões, somos nascidos e criados nas margens do rio Uruçuí Preto e é dessa margem que nós estamos falando, que está agredindo que tem em média de 50% morto assoreado e o veneno é um absurdo e tem uma plantação de soja na nascente desses rio sem ser em cima da serra, embaixo” (Juarez Celestino, morador Brejo das Meninas).

OUTROS PROBLEMAS QUE AFETAM OS MORADORES DA COMUNIDADE

“ O trabalhador rural, a maioria não tem título de terra, mas tem a posse e domina aquela área de terra. Não tem o documento, mas tem a posse. Mas, tem muitas pessoas que trabalham em roça que não tem a posse, ou seja, eles trabalham em terreno alheio, propriedade de outras pessoas que ele não tem a garantia. Com essas dificuldades que eles estão colocando, porque a maioria dos proprietários de terra não quer deixar a pessoa muito tempo morando na terra ele tem medo de tomar é o que acontece, coloca a roça aqui, nesse ano ele planta, mas ano que vem ele já não deixa mais. Se ele colheu bem primeiro ele deixa a área aberta ai o proprietário joga a semente de pasto, planta capim e aquela pessoa que não tem terra, já migra para outra propriedade. Ele passa 15, 20 anos trabalhando na terra e não produz nada, só trabalhando para os outros e quando chega a época de aposentar, cadê? (...) tem a dificuldade de aposentar, ele tem vários interesses é a maior dificuldade que estamos tendo para montar um processo porque tem família que o filho nasceu na região do Sete Lagoas, tem outros que nasceram lá em baixo em região mais distante. Então, é uma dificuldade muito grande, ele não tem terra e vai ficar procurando outra pessoa para ajudar (...). Na verdade, a maioria nem faz o contrato de arrendamento doa a terra ali porque quer tirar proveito daquele trabalhador rural do suor do rosto dele (...), só que a pessoa vai embora e quando vai se aposentar fica procurando proprietário de terra aonde ele já trabalhou para fornecer um contrato para se aposentar. Uma das dificuldades que estamos tendo” (Antônio Alves, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Filomena).



Participantes da Oficina de Produção de Mapa

“ Que nem eu, tenho 49 anos de idade, tenho mais de 30 anos trabalhando em roça e não tenho um pedaço de terra (...). É que o proprietário não quer deixar a gente morar na terra, porque passa a ter direito à posse da terra. Tem medo” (Antônio Alves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Filomena).

Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense

O AGROEXTRATIVISMO DO BURITI

- “ O buriti e o bacuri daqui tá faltando comprador. Ter uma empresa, montar uma empresa pra comprar. O que tá faltando é só isso, uma empresa para comprar a polpa. Para comprar todo, pelo menos a polpa, porque quando você faz é o trabalho mais firme que tem. Se comprasse a polpa ou o doce, ou a pedra do buriti, ou o que fosse. O que nós precisa é de uma empresa que compre os produtos do buriti” (Biatan, morador de Brejo das Meninas).
- “ Eu também acho que a gente precisa conseguir uma beneficiadora do buriti para trabalhar, ter mais rendimento né” (Juvencino, morador do Chupé).
- “ No meu ponto de vista, falta investimento para a agricultura familiar. A partir daí escoamento de produção, processamento do produto. Realmente vou até fazer uma propaganda aqui, a minha tia, a tia Carmelita tem 100 Kg de doce de buriti, feito manual, artesanalmente. Assim é uma guerreira, uma batalhadora” (Gervásio, Oficina de produção de mapa).
- “ Minha mulher fez 400 Kg, vendeu para quem? Vende no quilo para o vizinho ou na cidade. Minha mulher fez 432 Kg de doce e nunca vendeu, vender pra quem, a falta de dinheiro é grande demais” (Biatan, morador de Brejo das Meninas).
- “ Tem razão, o processamento é difícil, mas tem muito que eles batalham bastante, (...) realmente o escoamento da produção falta assistência da secretaria de agricultura, creio eu que com novos investimentos, novos planejamentos do governo, novo governo que está aí vai melhorar, (...) mercado tem lá fora, porque mercado tem para o produto, o problema é trazer o mercado para vocês. Eu ouvir da secretária da agricultura que provavelmente ano que vem essa deficiência vai acabar” (Gervásio, Oficina de produção de mapa).
- “ É tipo assim, eu acho que tem muita gente que tem um sonho, todo mundo tem um sonho. Eu vou montar uma granja pra mim levar para cidade. São 93 Km daqui lá. Aí eu agricultor do lado ali, vai levar em que? Lá tem um transporte. Rapaz quanto é o frete? É tanto. Aí tu vai vender as granjas as galinhas, com toda estrutura só para pagar o frete. Aí é onde quebra as pernas (...)tenho um criatório de peixe; só no sonho. Porque não vai adiantar tu comprar, pode até montar a estrutura, criar, mas vai tirar como?” (José Rodrigues Alencar, morador de Brejo das Meninas).



Participantes da Oficina de Produção de Mapa

“ Realmente o escoamento, a assistência por parte da secretaria da prefeitura do município ela deixa a desejar. Eu assistir agora, mais uma vizinha nossa aqui, as roças se perdendo porque não tinha onde vender. Bem ali em Balsas tem uma empresa que vem com o caminhão comprar na roça. Porém, falta a interlocução. Tem que ter o secretário de agricultura trazendo as empresas até o produtor, para tirar esse tipo de dificuldade que vocês enfrentam, que a comunidade enfrenta. Não é só vocês não. É bom que todo mundo relate isso, que alguém vai assistir e alguém vai tomar providência com relação a essa deficiência que atrapalha o crescimento” (Gervásio, Oficina de produção de mapa).

OS SONHOS DA COMUNIDADE E SUAS REIVINDICAÇÕES

“ Eu nasci naquele lugar, que você já conhece e quero morrer, mesmo que eu morra em outro lugar, quero muito ser enterrado aqui, se alguém da minha família poder, (...) não quero por enquanto passar ela para ninguém, para outro dono não. É eu mesmo que quero ser o dono, para depois, quando eu morrer deixar para os meus filhos” (Presilino, morador do Chupé).

“ Eu nasci nessa residência, me criei e estou nessa residência e continuo e estou lutando para ver se um dia aparece um título de terra” (Jonas José Xavier, morador de Brejo das Meninas).

“ Gerei quatro filhos trabalhando e se conseguir me dar esse documento eu fico nessa luta, trabalhando e arrumando o pão de cada dia enquanto eu aguentar que estou com 50 anos. Se eu não aguentar mais, os filhos se interessando pode tocar pra frente” (Lourival Silva de Jesus, morador de Brejo das Meninas).

Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse da terra no Cerrado piauiense

- “ A nossa cidade é pequena. Se a gente tem uma empresa para comprar os produtos que a gente produz na roça, você vai produzir na roça. E ter onde vender, porque se não tiver onde vender, não escapa. Não dar para escapar. Tem que produzir e ter onde vender, aqui na cidade não, porque é pequenininha né? Todo mundo se conhece, quando ver uma... “fulano tá aí” chegou. A gente produz o feijão, leva a farinha, eu comprava. É só vendendo para vizinho. Aí chega produz feijão, “não se fosse arroz, eu comprava” (Biatan, morador de Brejo das Meninas).
- “É a gente espera as melhorias, não é possível que não melhore. Porque se não melhorar aí que nós estamos é morto mesmo. Já estamos numa situação dessa que nós estamos e se não melhorar nessa nova gestão, estamos morto” (Presilino, morador do Chupé).
- “ Eu nasci aqui, me criei aqui, por que o meu sonho é ter energia, estrada, porque aqui até que se arruma um caminhão, um transporte, aí o cara pergunta pra onde é? Se ele cobraria 750,00, ele vai cobrar 1. 250,00. Por que? Porque a estrada não presta, ele tem razão. Que eu pretendo que chegue aqui para nós: estrada e energia que vai facilitar o trabalho nosso, viver melhor, meu sonho, eu acho que antes de eu morrer eu quero ver isso aí” (Josué Rodrigues de Alencar, morador de Brejo das Meninas).
- “ Se nós aqui tivermos com estrada e energia, já é meio caminho andado, porque você com estrada e energia fica mais fácil de ter um socorro da saúde” (Juvencino, morador do Chupé).
- “ A educação por enquanto, você não sabe como vai ficar. Porque agora entrou um novo comandante no poder. A gente não sabe, nesses certos tempos atrás teve melhor do que o período de um mês, porque já tinha falta dada em aluno. Aí tá garantido que vai aparecer, não sei se vai. E a estrada e a energia é uma das coisas que mais estamos precisando aqui, porque se já tivesse para nós era uma boa, talvez esse pessoal da cidade já até fizeram de lá para cá” (Presilino, morador do Chupé).
- “ Na nossa região não tem como melhorar a nossa educação sem energia. Como é que vai melhorar a educação sem energia? Como é que esse pessoal vai trabalhar? Não tem como. Primeiro lugar a estrada e em segundo lugar a energia” (Biatan, morador do Brejo das Meninas).
- “ Pra mim o que eu desejo que melhore aqui é a educação e, principalmente, a saúde” (Almerinda, moradora do Chupé).



Equipe de produção das legendas do Mapa de Brejo das Meninas



Crianças de Brejo das Meninas

PARCERIAS
Comissão Pastoral da Terra – CPT
Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais de Santa Filomena
John Antony Mayers (Padre João)



Casal de moradores de Brejo das Meninas



Dona Maciana tecendo uma rede



Moradores de Brejo das meninas



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante
6. Comunidade Quilombola Buriti do Meio Núcleo
7. Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso Kalungueiros na Luta Pela Regularização do seu Território - Minas Gerais
8. Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino
9. Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguari, Cocalinho - MT /
10. Comunidade tradicional vazanteira da Ilha de Pau de Légua, Manga - MG
11. Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio Queimada Nova - PI
12. Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse de terra no cerrado piauiense - PI

Financiamento:



FORDFOUNDATION

Realização e apoio:



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

